

AGO

Música e Ancestralidade

+

FEALHA

SEMINÁRIO:
A PRESENÇA
INDÍGENA NO DF

27  29

DE JULHO

MEMORIAL DOS POVOS INDÍGENAS

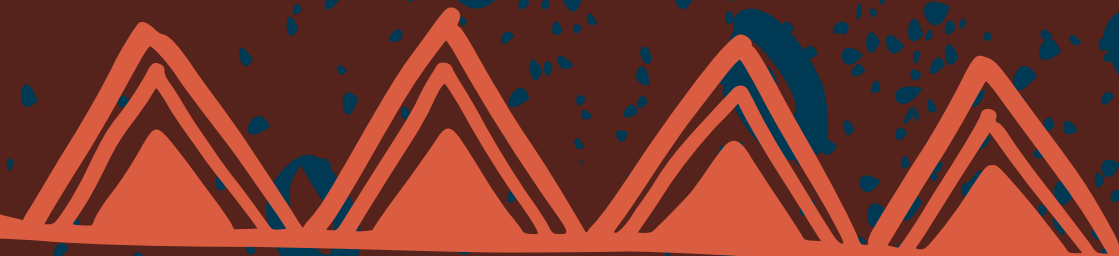


SEMINÁRIO: A PRESENÇA INDÍGENA NO DF

O Seminário Fealha abre sua primeira roda em 2023 para promover espaços de diálogos acerca da presença indígena e de outros povos tradicionais no Distrito Federal e Entorno, desde antes da construção da capital até os dias atuais. Promovida pela Onã Produções, a primeira edição de Fealha é realizada em parceria com o Festival Agô - Música e Ancestralidade, em uma ocupação de três dias no Memorial dos Povos Indígenas, em Brasília (DF).

As cinco rodas de diálogo do seminário trazem a presença de lideranças, pensadores e pesquisadores indígenas e não indígenas, quilombolas e de religiões de matriz africana, que se destacam pela luta por território e direitos. O evento busca manter viva a memória e o encontro entre as milenares raízes originárias do território, ao mesmo tempo em que dialoga sobre o passado, o presente e o futuro no Cerrado.

"Fealha" (pronuncia-se *fealhá*) significa terra sagrada em Yaathe, idioma falado pelo povo Fulni-ô. Para se discutir sobre a ocupação do DF e Entorno, é preciso pensar nos povos originários que habitavam a região bem antes dos planos da construção de Brasília, uma vez que o Planalto Central é palco milenar de histórias, trajetórias, habitações e povos que construíram profundo vínculo com a terra, a natureza e o bioma Cerrado.



PROGRAMAÇÃO

QUINTA **27** DE JULHO

18h15 ABERTURA

Cantos com povo Fulni-ô e mulheres do Alto Xingu

18h30 MESA

Memórias do Memorial dos Povos Indígenas

Mediação: *João Carlos Almeida* (UFSC/AYA)

Na abertura do seminário será abordada a história do Memorial dos Povos Indígenas e seu vínculo com a luta pelo reconhecimento da memória e da presença indígena no Distrito Federal e Entorno. A partir de relatos de diferentes pessoas vinculadas à trajetória do MPI, será abordada a necessidade de fortalecimento das políticas indígenas.

19h30 MESA

Viver o presente, olhar o futuro

Convidados: *Fetxawewe Tapuya Guajajara* (Santuário dos Pajés/UnB), *Manu Tuyuka* (Povo Tuyuka), *Maria Helena - Tuyá Kalunga* (Comunidade Tinguizal Território Kalunga - GO)

Mediação: *Mônica Nogueira* (UnB)

Com a presença de jovens e estudantes indígenas e quilombolas que habitam o Cerrado, esta mesa é dedicada a reflexões sobre projetos de futuro para a região. Será discutida a realidade de quem vive o território do DF e Entorno de diferentes maneiras, projetando um horizonte de respeito à diversidade étnico-cultural para a localidade.

SEXTA 28 DE JULHO

14h30 MESA

Ancestralidade cerratense

Convidados: *Francisco Pugliese* (Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e Departamento de Antropologia da Universidade da Flórida); *Thais Lopes Rocha* (UnB/SEEDF), *Jôkãhkwyj Krahô* (Povo Krahô/UFG), *Manoel Barbosa Neres* (Quilombo Mesquita) Mediação: *Paique Santarém* (UnB)

Nesta mesa, será discutida a milenar presença humana na região do Cerrado, com enfoque nos povos que habitaram o bioma de forma permanente nos últimos séculos. Trataremos de uma abordagem diversa e contra-hegemônica, contrária às ideias equivocadas e racistas que afirmam estarmos em uma região sem história, sem cultura e sem conhecimentos anteriores à construção de Brasília.

16h30 MESA

Trajетórias, povos e territórios

Convidados: *Santxiê Fulniô Guajajara* (Santuário dos Pajés), *Cristiane Portela* (Projeto Outras Brasília/UnB), *Baba Aurélio Lopes* (Ilê Odé Axé Opô Inle), *Ayola, Dudu Mano, Singelo e Babi* (Coletivo Mapa das Desigualdades do DF) Mediação: *Raio Gomes* (Irmandade Pretas Candangas)

Desde a construção do Distrito Federal diversos povos somaram-se aos que já viviam aqui. Esta mesa versará sobre as trajetórias de quem migrou ao DF e aqui constituiu territórios sagrados, comunidades e santuários.

SÁBADO 29 DE JULHO

15h às 16h MESA

Histórias e conquistas do Acampamento Terra Livre

Convidados: *Valéria Paiê* (Fundo Podaali), *Paulino Montejo* (Apib), *Eunice Kerexu* (MPI) Mediação: *Leila Saraiva* (Inesc)

Prestes a completar 18 anos, o ATL transforma Brasília em uma cidade indígena uma vez por ano, já sendo considerada a maior assembleia indígena do mundo. A mesa pretende recuperar as histórias do acampamento, seus impactos na cidade e as conquistas obtidas pelo movimento indígena como consequência dessa grande mobilização.

AGÔ

Música e Ancestralidade

Pedindo licença aos mais velhos e aos povos originários da terra em que pisamos, o Agô – Música e Ancestralidade chega a sua quarta edição. Realizado desde 2017, o Agô encontra eco político e artístico no enlace entre música e outras tradições que evocam a ancestralidade brasileira. Neste ano, o festival integra o Seminário Fealha e traz ao público a oportunidade de conhecer e reverenciar, de forma conjunta, tradições afro-brasileiras e culturas dos povos originários do Brasil.

Em três dias de ocupação no Memorial dos Povos Indígenas, em Brasília (DF), o Agô promoverá o encontro entre mestres, mestras e jovens que têm na música sua conexão com o sagrado. Um encontro intergeracional entre artistas e pesquisadores de diferentes regiões do país, que destacam em seus trabalhos os sólidos laços entre a musicalidade da cultura popular brasileira e as matrizes ancestrais indígenas e dos povos vindos de África.

Agô!

PROGRAMAÇÃO

SEXTA 28 DE JULHO

19h Roda aberta de Capoeira Angola
Mestra Elma (MA) e grupo nZambi (DF)

20h30 Ori (PE) part. **Cris Pereira (DF)**

21h30 Cantos das Mulheres do Alto Xingu (MT)

22h Cafurnas Fulni-ô (PE/DF)

22h30 Ponto BR (MA/PE/SP)

SÁBADO 29 DE JULHO

10h às 12h Oficina de Capoeira
Angola com Mestra Elma (nZambi)

GRUPOS CULTURAIS

ORÍ (PE)

O ORÍ apresenta músicas tradicionais de religiões de matrizes africanas e afro-brasileiras das nações Xambá e Nagô. Através de instrumentos melódicos, harmônicos e componentes eletrônicos, o grupo se conecta com a ancestralidade dos cantos e toques sagrados do Xangô Pernambucano, realizados principalmente para equilibrar e alimentar o Orí (cabeça, em Yorubá). O grupo foi fundado em 2016 por Beto da Xambá (violão), Memé da Xambá (voz), Thulio Xambá (cavaquinho), Nino da Xambá (flauta) e hoje é integrado também Tayna Hirley (piano).

Cris Pereira (DF)

Com mais de 15 anos de atuação artística, a cantora brasiliense Cris Pereira traz em seu repertório raízes fincadas no samba. Com uma voz temperada de suavidade, Cris também passeia por diversas sonoridades da MPB e usa sua voz para demarcar posicionamentos firmes em defesa do samba e da cultura afro-brasileira. Seu 1º disco, 'Folião de Raça' (2013), tem participação especialíssima de Dona Ivone Lara e foi indicado ao Prêmio da Música Brasileira.

Cantos das Mulheres do Alto Xingu (MT)

Os cantos das mulheres alto xinguanas nos apresentam parte do que é a Yamurikumã – festa ritual realizada por mulheres indígenas pertencentes às nove etnias do Alto Xingu. Durante a festa, as mulheres dominam o poder da aldeia, se adornam, cantam versos de canções tradicionais, lutam Huka Huka e realizam outras atividades que, em geral, seriam permitidas apenas aos homens. Nas palavras de Ana Terra Yawalatipi, a Yamurikumã é um ritual que se integra à luta das mulheres do Alto Xingu pela preservação da sua cultura.

Cafurnas Fulni-ô (PE/DF)

Lançando em 2019 pelo selo Agô Ancestralidade, o álbum Cafurnas Fulni-ô evidencia a força do povo Fulni-ô em preservar sua língua nativa, o Yaathe, através de canções e ritos sagrados. O nome do disco foi dado por Abdon dos Santos, o mestre das cafurnas (cânticos) e guardião do tesouro linguístico deste povo. A principal aldeia Fulni-ô fica próxima à cidade de Águas Belas (PE) e há também um território no noroeste de Brasília (DF): a Terra Indígena Santuário dos Pajés. O álbum presta homenagem a Santxiê Tapuya Fulni-ô, liderança que lutou pela demarcação do santuário e pela memória ancestral do DF.

Ponto BR (MA/PE/SP)

Ponto BR é um coletivo que reúne alguns dos principais guardiões das culturas tradicionais brasileiras, Mestre Walter (Raízes da África - PE), Mestre Zezé de Iemanjá (Casa Fanti Ashanti - MA) e Ribinha de Maracanã (Bumba Boi de São Luís - MA), em diálogo com músicos conhecidos da cena contemporânea, Renata Amaral (SP), Eder O Rocha (PE), Thomas Rohrer (Suíça) e Henrique Menezes (MA). Através de Cocos, Cirandas, Maracatus, Tambor de Mina, Bois, Rojões e Carimbós, o grupo propõe diálogos possíveis entre diferentes vertentes e gerações, revelando uma outra via para o fazer musical.

Mestra Elma (MA)

Grupo nZambi de Capoeira Angola (DF)

Elma Silva Weba é maranhense e mestra de Capoeira Angola iniciada por Mestre Patinho em 1986, na Escola de Capoeira Angola Laborarte (São Luís-MA), cuja linhagem é de Mestre Canjiquinha. Em 1996, funda o nZambi Capoeira Angola, grupo de pesquisa e preservação de tradições afro-brasileiras, com núcleos em Porto Alegre (RS), Brasília (DF) e em Florianópolis (SC), com a Awá - Casa de Angola. Em sua ampla trajetória, Mestre Elma integrou também o Cacuriá de Dona Teté e o Tambor de Crioula do Mestre Felipe.

No Distrito Federal, o nZambi desenvolve atividades desde 2003, com a missão de preservar e promover os valores tradicionais da Capoeira Angola, entendendo-a como um importante elemento para a transformação social e valorização da diversidade étnica, cultural e de gênero.

PROGRAMAÇÃO

QUINTA **27**
DE JULHO

18h Canto com povo Fulni-ô e mulheres do Alto Xingu

18h30 SEMINÁRIO FEALHA
Memórias do Memorial dos Povos Indígenas

19h30 SEMINÁRIO FEALHA
Viver o presente, olhar o futuro

SEXTA **28**
DE JULHO

14h30 SEMINÁRIO FEALHA
Ancestralidade cerratense

16h30 SEMINÁRIO FEALHA
Trajetórias, povos e territórios

19h Roda aberta de Capoeira Angola com Mestra Elma (MA) e grupo nZambi (DF)

20h30 Ori (PE) part. Cris Pereira (DF)

21h30 Cantos das Mulheres do Alto Xingu (MT)

22h Cafurnas Fulni-ô (PE/DF)

22h30 Ponto BR (MA/PE/SP)

SÁBADO **29**
DE JULHO

10h às 12h Oficina de Capoeira Angola com Mestra Elma (MA)

14h30 SEMINÁRIO FEALHA
Histórias e conquistas do Acampamento Terra Livre

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.